



A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA E A NATUREZA DO SEGMENTO /R/ NA FLEXÃO VERBAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

DISTRIBUTED MORPHOLOGY AND THE NATURE OF THE
SEGMENT /R/ IN BRAZILIAN PORTUGUESE VERBAL INFLECTION

Beatriz Pires Santana¹
Universidade Federal do Paraná

Resumo: Seguindo Oltra-Massuet (1999) e Santana (2016), o presente trabalho adota a análise de que o formativo /r/ que compõe a desinência modo-temporal de alguns tempos verbais do português brasileiro é o Item de Vocabulário que realiza o traço de futuro. Objetivamos mostrar que tal conjectura tem o potencial de unificar cinco aspectos independentes da língua: (i) a semelhança fonológica entre os tempos futuro do presente, futuro do subjuntivo e futuro do pretérito, (ii) a existência do processo sintético e do processo analítico para a realização do futuro do presente e do futuro do pretérito, (iii) o fenômeno de hipercorreção das formas analíticas de futuro, (iv) a semelhança fonológica entre, de um lado, os tempos futuros e, de outro, o infinitivo e (v) o desaparecimento da marca de infinitivo, da marca de futuro do subjuntivo e dos futuros sintéticos na língua.

Palavras-Chave: Flexão Verbal; Vogal Temática; Morfologia Distribuída.

Abstract: Following Oltra-Massuet (1999) and Santana (2016), the present work adopts the analysis that the formative /r/ making up some of the Brazilian Portuguese tense morphemes is the Vocabulary Item that spells out the future feature. We intend to demonstrate that such claim has the potential to unify five independent aspects of the language: (i) the phonological similarity between the future, the conditional and the future subjunctive tenses; (ii) the existence of the synthetic and the analytic processes for realizing the future and the conditional tenses; (iii) the hypercorrection phenomenon involving the analytic forms of the future and the conditional tenses; (iv) the phonological identity between, on the one hand, the future, the conditional and the future subjunctive and, on the other, the infinitive and (v) the loss of the segment /r/ in the infinitive and in the future subjunctive and the loss of the synthetic future and conditional.

Keywords: Verbal Inflection; Theme Vowel; Distributed Morphology.

¹ beatrizpiressantana@gmail.com

Na flexão verbal do português brasileiro (doravante PB), há dois aspectos interessantes envolvendo as unidades tradicionalmente analisadas como desinências modo-temporais. O primeiro deles é o fato de que os três tempos verbais que envolvem o traço de futuro (futuro do presente, futuro do pretérito e futuro do subjuntivo) apresentam em sua composição o segmento /r/. O que diferencia uma desinência de futuro da outra são as vogais que as compõem, o que nos leva ao segundo fato interessante: as vogais que compõem todas as desinências modo-temporais dos verbos do PB coincidem com as vogais temáticas verbais, que são *-a*, *-e* e *-i*.² Esses dois aspectos estão ilustrados na Tabela 1 abaixo, que se conforma à análise da segmentação verbal de Camara Jr. (1970, 1971).

		1ª Conjugação	2ª Conjugação	3ª Conjugação
Presente do Indicativo		∅	∅	∅
Pretérito Perfeito		∅	∅	∅
Pretérito Imperfeito		va	(i)a	(i)a
Presente do Subjuntivo		e	a	a
Pretérito do Subjuntivo		se	se	se
Futuro do Subjuntivo		r	r	r
Futuro do Presente	1ª	re	re	re
	<i>elsewhere</i>	ra	ra	ra
Futuro do Pretérito		ria	ria	ria

TABELA 1: desinências modo-temporais do PB, com destaque para os futuros.

Conjuntamente, esses dois aspectos motivam a análise adotada por Santana (2016), com base em Oltra-Massuet (1999) e nos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída, para a natureza das vogais temáticas do PB e sua consequência para a flexão verbal da língua. A análise baseia-se no tratamento sintático da flexão verbal e em uma condição de boa formação morfológica que exige que todo núcleo funcional projete uma posição de vogal temática.³ O

² As exceções são o gerúndio e o particípio, que são formas nominais dos verbos e cujos morfemas terminam em *-o*. Essas formas comportam-se em vários aspectos como nomes, carregando, inclusive, a vogal final considerada *default* para os nomes da língua por algumas análises, como Alcântara (2003, p. 53). Assim, essas formas não comprometem a análise desenvolvida no presente trabalho.

³ Um parecerista anônimo chamou a atenção para a ausência de uma vogal temática na desinência de futuro do subjuntivo, questionando se a condição de boa formação exige apenas a projeção da posição de vogal temática ou se exige sua realização fonológica. A questão não é trivial; entretanto, em trabalhos que tratam das vogais temáticas dentro do quadro da MD, costuma-se admitir que a boa formação morfológica reside na projeção do nó temático e não em sua realização fonológica. Alcântara (2003), por exemplo, a respeito das vogais temáticas nominais do PB, assume um item de vocabulário ∅ inserido em contextos de raízes da classe III na forma singular, que seria a classe de nomes como *mar*, *dor* e *paz*, que não apresentam um item fonológico de classe no singular, mas apresentam um no plural (*mares*, *dores*, *pazes*). Ainda, Oltra-Massuet (1999), a respeito das vogais temáticas verbais do catalão, postula um item de vocabulário ∅ que deve ser inserido no nó de vogal temática em verbos de segunda conjugação no contexto do traço de futuro (por exemplo, na forma *təm-∅-raz* 'você temerá'). Da mesma forma,

presente trabalho adota a mesma análise, que será sumariamente apresentada na seção 1. As seções seguintes desenvolvem e unificam alguns fenômenos da língua envolvendo, sobretudo, o segmento /r/ presente nas desinências modo-temporais dos verbos do PB com base na análise adotada. Particularmente, a seção 2 dedica-se a mostrar que a semelhança fonológica entre os tempos futuro do presente, futuro do subjuntivo e futuro do pretérito (e, ainda, entre o último e o pretérito imperfeito da 2ª e 3ª conjugações) não é apenas coincidente e se segue diretamente da análise para as vogais temáticas apresentada na seção 1. A seção 2 oferece uma descrição para os processos sintético e analítico que realizam os tempos verbais futuro do presente e futuro do pretérito. A seção 3 propõe uma explicação para o fenômeno de hipercorreção das formas analíticas de futuro. A seção 4 levanta a hipótese de que o /r/ de infinitivo e o /r/ presente nos futuros têm a mesma natureza morfológica, o que possibilita unificar, de um lado, o desaparecimento fonológico da marca de infinitivo e de futuro do subjuntivo e, de outro, o desaparecimento morfossintático das formas sintéticas do futuro do presente e do futuro do pretérito, o que será desenvolvido na seção 5. Finalmente, a seção 6 destina-se a apresentar as considerações finais e os caminhos a serem seguidos em pesquisas futuras.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O presente trabalho é desenvolvido sob os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (MD), primeiramente aventada por Halle & Marantz (1993). São três as propriedades fundamentais que alicerçam esse quadro teórico: a Inserção Tardia, o Princípio do Subconjunto e a Estrutura Hierárquica *All the Way Down* (HALLE & MARANTZ, 1994). Discorreremos brevemente sobre cada uma dessas propriedades nos parágrafos que se seguem.

No quadro da MD, o componente sintático opera com nós terminais que são providos de complexos de traços semânticos e sintáticos, mas desprovidos de traços fonológicos. Os traços fonológicos são adicionados à estrutura apenas após a realização de todas as operações sintáticas, através de uma operação denominada Inserção de Vocabulário, responsável por parear um conteúdo fonológico com um contexto morfossintático. A Inserção Tardia, assim, diz respeito à adição pós-sintática dos Itens de Vocabulário aos nós terminais sintáticos.

O Princípio do Subconjunto é um princípio que rege a inserção dos Itens de Vocabulário nos nós terminais. Para que um Item de Vocabulário seja inserido em um nó terminal, ele deve conter em sua descrição todos ou um subconjunto dos traços semânticos e sintáticos que estão presentes no nó, não podendo conter traços diferentemente valorados ou traços que não estejam presentes no nó

admitimos que a desinência de futuro do subjuntivo projeta uma posição temática que é preenchida por um Item \emptyset .

terminal. Assim, o Item não precisa parear todos os traços especificados nos nós terminais; ao contrário, os Itens de Vocabulário são tipicamente subespecificados com relação aos traços que compõem a estrutura sintática. Os Itens de Vocabulário estão em competição para inserção, ganhando a competição aquele que for mais especificado para os traços que compõem o nó terminal. Suponhamos, por exemplo, um nó terminal que carrega o conjunto de traços [+X, +Y, -Z]. Suponhamos, ainda, que há dois itens competindo para serem inseridos nessa posição, um descrito pelos traços [+X, -Z] e outro descrito pelo traço [+X]. Dado o Princípio do Subconjunto, o primeiro deles, cuja descrição apresenta os traços [+X, -Z], ganha por ser o mais específico dentre os competidores e, portanto, é inserido. Se um item contiver traços não presentes na estrutura, como [+W], ou tiver uma valoração diferente para traços que estão presentes na estrutura, como [-X], por exemplo, ele é bloqueado e não poderá ser inserido nesse contexto.

Por fim, a Estrutura Sintática *All the Way Down* caracteriza-se pelo tratamento unificado para a formação de palavras, sintagmas e sentenças, determinando que todas essas unidades se submetem aos princípios e operações do componente sintático. Nesse sentido, a gramática está provida de um único componente gerativo, responsável por estruturar quaisquer unidades significativas complexas da língua. A não isomorfia por vezes averiguada entre a estrutura sintática e a palavra é fruto de operações morfológicas (que compõem o Componente Morfológico) que se aplicam após a sintaxe e antes da Inserção de Vocabulário – e, conseqüentemente, antes das regras fonológicas – e que são restringidas por condições de localidade sintática. Algumas dessas operações são a fusão, que une dois nós em um único nó terminal, o empobrecimento, que apaga nós ou traços presentes na estrutura sintática, e a fissão, que divide traços presentes em um único nó terminal em nós diferentes.

Mantendo em perspectiva as propriedades do quadro teórico que fundamenta o presente trabalho, passemos à análise da flexão verbal do PB que estamos seguindo. Como a MD promove uma visão sintática para a formação de palavras, apresentamos na Figura 1 abaixo a estrutura sintática proposta para os tempos futuros – que são os tempos verbais relevantes para a presente análise – antes da aplicação de qualquer operação morfológica, incluindo a Inserção de Vocabulário.

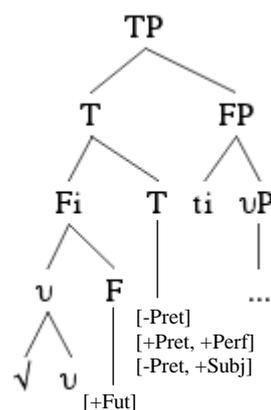


FIGURA 1: Estrutura sintática dos tempos futuros do PB.

No diagrama acima, o núcleo complexo é formado pelo pela raiz ($\sqrt{\quad}$), por um núcleo categorizador verbalizador (v), por um núcleo funcional F (ver a seguir) e um núcleo de tempo-modo-aspecto (T). Embora os traços de tempo, modo e aspecto costumem vir enfeixados em um único núcleo funcional (T) nos verbos do PB, Santana (2016) assume que o traço [Futuro], quando presente na estrutura, projeta um núcleo separado, representado como F na estrutura acima. Essa assunção baseia-se em duas evidências: (i) a forma morfofonológica dos diferentes futuros do PB apresenta um segmento em comum ($-r$), o que torna plausível supor que esse item reescreve o traço de futuro, que estaria, assim, separado dos outros traços de tempo/modo/aspecto e (ii) algumas línguas apresentam transparentemente a separação dos traços de futuro, por um lado, e de presente e pretérito, por outro, nas formas de futuro do presente e futuro do pretérito, respectivamente (ver dados do basco na seção 3). Assim, os traços que diferenciam um tempo futuro do outro encontram-se no núcleo T , que é o núcleo que carrega todos os outros traços de tempo, modo e aspecto. Conforme representado na Figura 1, o futuro do presente carrega o primeiro conjunto de traços de T ($[-Pret]$), o futuro do pretérito leva o segundo conjunto de traços ($[+Pret, -Perf]$) e o futuro do subjuntivo, o último ($[+Subj, -Pret]$). Todos eles carregam o traço [Futuro] no núcleo F .⁴

⁴ É amplamente verificado na literatura o que o futuro em muitas línguas apresenta propriedades mais modais do que temporais. Assim, poderíamos assumir, como faz Oltra-Massuet (1999), que o rótulo para o núcleo que carrega o traço de futuro é um núcleo de modo M . Essa análise permitiria que o traço de subjuntivo fosse também carregado não pelo nó T , como está representado na Figura 1, mas pelo nó M . Essa segunda análise pareceria mais apropriada não só por unificar o tratamento dos traços modais, como também por permitir um tratamento mais adequado para os verbos irregulares do PB. Afinal, os verbos irregulares apresentam uma alomorfia de raiz para o tempo futuro do subjuntivo que os tempos futuro do presente e futuro do pretérito não apresentam (compare *couber* com *caberá* e *caberia*, por exemplo). Se o traço de subjuntivo estiver em T na forma de futuro do subjuntivo, o nó interveniente F que carrega o traço de futuro não permitiria que a raiz “enxergasse” o traço de subjuntivo desencadeante da alomorfia. Se, por outro lado, o traço de subjuntivo estiver sendo carregado pelo mesmo nó que carrega o traço de futuro, a descrição e a localidade necessárias para desencadear essa alomorfia de raiz

A estrutura da Figura 1, quando entregue ao Componente Morfológico, deve satisfazer a duas condições de boa formação morfológica, adotadas, respectivamente, de Oltra-Massuet (1999) e Halle & Marantz (1993):

(1) Condição de boa formação morfológica 1

Todo F⁰ requer uma posição temática.

(2) Condição de boa formação morfológica 2

Um nó de concordância Agr deve ser adjungido a T.

A condição em (1) é motivada, dentre outras coisas, pelo fato de que todas as desinências modo-temporais do PB são compostas de vogais coincidentes com as vogais temáticas verbais da língua, conforme exposto na introdução. Já a condição (2) justifica-se pelo fato de que os verbos do PB concordam em pessoa e número com o sujeito de uma sentença. Após ambas as condições serem satisfeitas, a estrutura resultante é a que vemos na Figura 2 a seguir.

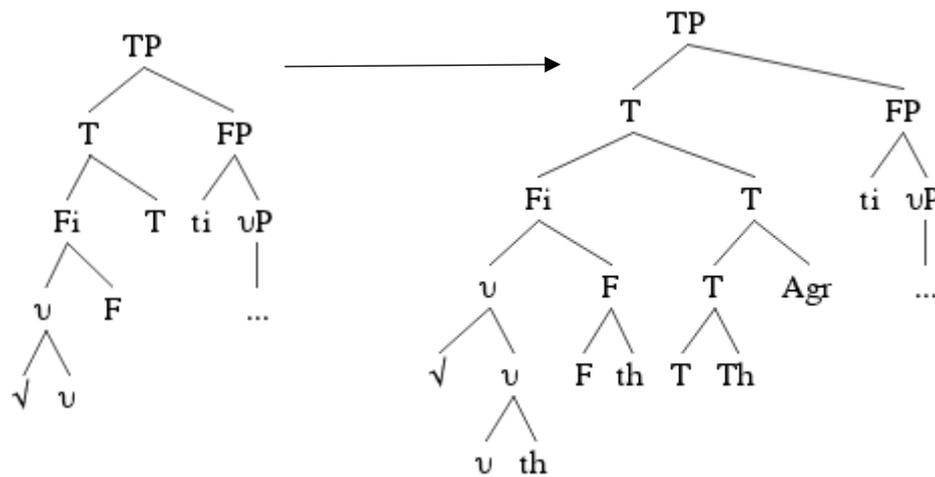


FIGURA 2: Estrutura sintática antes e depois de as condições (1) e (2) serem satisfeitas.

Antes ainda de preenchermos a estrutura sintática com os Itens de Vocabulário pertinentes, vale notar que assumimos a seguinte operação morfológica de fusão, que é responsável por fusionar dois nós que são irmãos sob um mesmo nó categorial (HALLE & MARANTZ, 1993):⁵

seriam satisfeitas. Como a diferença entre as duas análises não interferirá no restante do presente trabalho, não desenvolveremos a questão.

⁵ Bassani & Lunguinho (2011) também propõem a fusão de nós sintáticos na estrutura verbal do PB. Em sua análise, a fusão ocorre (i) entre os nós v, T e Agr nos contextos de singular do tempo presente e de singular da segunda e terceira conjugações do pretérito imperfeito, (ii) entre os nós T e Agr nos contextos de pretérito perfeito, de plural do tempo presente e de singular da primeira conjugação do pretérito imperfeito e (iii) entre os nós v e T no contexto de plural da segunda e terceira conjugações do pretérito imperfeito. A vantagem de sua análise é que esse conjunto de operações de fusão evita a proliferação de morfemas zero na estrutura verbal, contrariamente à análise de Oltra-Massuet (1999), desenvolvida por Santana (2016) e adotada aqui, que admite que a Gramática Universal provê um item *default* zero quando a descrição de nenhum expoente fonológico satisfaz as condições de inserção. Por outro lado, a vantagem da presente análise em oposição à de Bassani & Lunguinho (2011) é que a operação de fusão ocorre

(3) Operação morfológica de fusão

T e Agr fusionam em contextos [-Pret].

A fusão expressa em (3) baseia-se no fato de que os tempos verbais do PB que envolvem o traço de presente ([-Pret]) costumam ter menos material fonológico que verbos que envolvem o traço pretérito (compare *canta* e *cantava* ou *cante* e *cantasse* ou ainda *cantará* e *cantaria*). Com a fusão de dois nós terminais, apenas um Item de Vocabulário poderá ser inserido em uma posição que, de outra forma, receberia dois Itens de Vocabulário (ver ARREGI, 2000). Assim, a extensão do conteúdo fonológico espelha a quantidade de nós terminais na estrutura. Para os tempos verbais em questão, T e Agr fusionam no futuro do presente e no futuro do subjuntivo, mas não no futuro do pretérito. Abaixo, seguem as árvores para esses três tempos verbais com seus respectivos Itens de Vocabulário. A árvore à esquerda, em que não houve fusão entre T e Agr, contém os Itens referentes à primeira pessoa do plural do futuro do pretérito; a árvore à direita, com fusão, contém os Itens referentes à primeira pessoa do plural do futuro do presente e do futuro do subjuntivo.

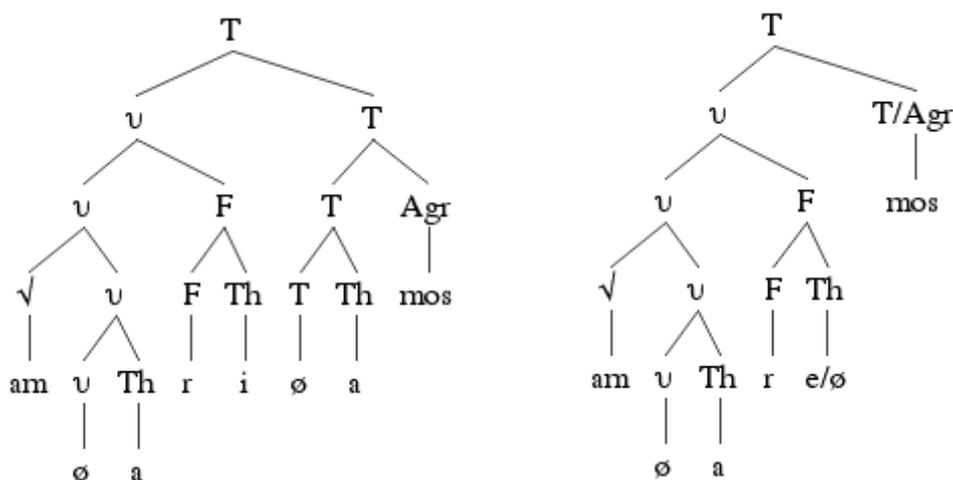


FIGURA 3: Estruturas dos três futuros, supridas de Itens de Vocabulário.

No presente trabalho, não adentraremos nos detalhes relacionados à natureza das vogais temáticas, à maneira como se relacionam e tampouco à maneira como sua forma fonológica é definida e inserida. Para detalhes sobre as questões que envolvem a vogal temática verbal dentro do modelo adotado, remetemos o leitor a Oltra-Massuet (1999), Arregi (2000), Oltra-Massuet & Arregi (2005) e Santana (2016).

apenas em uma descrição estrutural (entre T e Agr no contexto [-Pret]), e não em seis diferentes contextos.

2 A SEMELHANÇA FONOLÓGICA ENTRE OS DIFERENTES FUTUROS

Nas seções anteriores, vimos que o PB apresenta três tempos verbais que envolvem o traço [Futuro]: o futuro do presente, o futuro do pretérito e o futuro do subjuntivo. Vimos, ainda, que os formativos que são tradicionalmente analisados como desinências modo-temporais para esses três tempos apresentam o segmento /r/, diferenciando-se entre si pelas vogais que os compõem. Da condição que rege a inserção de nós temáticos na estrutura verbal apresentada em (2), que admite que um verbo possa ter tantas vogais temáticas quanto forem seus núcleos funcionais, segue-se que as vogais das supostas desinências modo-temporais são, em realidade, vogais temáticas. Assim, o segmento /r/ não é apenas um segmento fonológico que coincidentemente compõe diferentes desinências modo-temporais que envolvem o futuro, e sim o próprio item que realiza o traço de futuro. A regra de Inserção de Vocabulário para esse item é vista em (4) abaixo.

(4) Inserção de Vocabulário

/r/ → [+Fut]

Assim, a semelhança fonológica entre os três tempos futuros não é mera coincidência: a consoante /r/ que inicia todas as desinências modo-temporais é, em realidade, o Item de Vocabulário descrito pelo traço de futuro; as vogais que compõem as desinências de futuro (/a/ ou /e/ para o futuro do presente, /i/ e /a/ para o futuro do pretérito e \emptyset para o futuro do subjuntivo) são, em realidade, vogais temáticas que preenchem nós temáticos anexados aos núcleos funcionais da estrutura por meio da exigência morfológica formalizada em (1).

Dessa semelhança entre os tempos futuros do PB, decorre que a semelhança entre o futuro do pretérito e a 2ª e a 3ª conjugações do pretérito imperfeito também não é mera coincidência. Com a noção de vogal temática que estamos adotando neste trabalho, a sequência de vogais /ia/ de *comeria* e *partiria* e a sequência de vogais /ia/ de *comia* e *partia* não são partes de dois Itens de Vocabulário diferentes, e sim duas vogais temáticas. A tradicional desinência modo-temporal das duas formas se distingue apenas pela presença do /r/ de futuro no futuro do pretérito. Assim, vemos que o futuro do pretérito compartilha características tanto com o futuro quanto com o pretérito, pois, de novo, carrega o item /r/ que realiza o traço de futuro e, além disso, carrega o mesmo \emptyset relativo ao pretérito no nó T e as mesmas vogais circundantes /i/ e /a/.^{6,7}

⁶ Para explicar o aparecimento de /v/ na primeira conjugação do pretérito imperfeito, precisaríamos adentrar na análise das vogais temáticas, o que foge do escopo do presente trabalho. Remetemos, novamente, o leitor a Oltra-Massuet (1999) e Santana (2016).

⁷ Um parecerista anônimo afirmou que tratar a sequência *-ia* do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito como duas vogais temáticas não parece elucidativo, pois isso faria com que a informação

3 AS FORMAS SINTÉTICA E ANALÍTICA

Conforme vimos nas Figuras 1, 2 e 3, a estrutura sintática dos verbos do PB, quando há um traço de futuro envolvido, é [TP T [FP F [vP v [√P √]]]]. Os núcleos dessa estrutura sofrem movimento cíclico no componente sintático e o componente morfológico encarrega-se de adicionar um núcleo de concordância Agr em T, gerando o núcleo complexo $\sqrt{v+F+T+Agr}$, que será o input para a inserção dos Itens de Vocabulário que geram as formas verbais de futuro do presente, futuro do pretérito e futuro do subjuntivo.⁸

Entretanto, o PB apresenta também uma forma perifrástica (analítica) do futuro do presente e do futuro do pretérito:

(5) Formas analíticas

- a. Futuro do presente: (nós) vamos amar
- b. Futuro do pretérito: (nós) íamos amar

Como geralmente é o auxiliar que carrega os traços gramaticais de tempo, aspecto, pessoa e número, a forma perifrástica é comumente analisada como uma ausência do movimento do verbo lexical ao núcleo T (ver LUNGUINHO, 2011). Assim, o PB apresenta duas possibilidades de realização do tempo futuro: uma em que temos o núcleo complexo $\sqrt{v+F+T+Agr}$ e outra em que temos o núcleo T+Agr e o núcleo $\sqrt{v+F}$ – lembrando que estamos supondo que o traço de futuro projeta um núcleo próprio F, separado de T.

Como, no tempo futuro do presente, o núcleo T apresenta o traço de presente [-Pret] e o núcleo F apresenta o traço [Futuro], nossa suposição é que a realização desses traços, na forma perifrástica, é transparente: o verbo auxiliar *ir*⁹ é realizado em sua forma presente e o verbo lexical, comumente analisado como

semântica compartilhada entre esses dois tempos verbais se perdesse. Entretanto, nós discordamos por dois motivos. Primeiro, porque as análises tradicionais que consideram que *-ia* é o morfema de pretérito imperfeito (na 2ª e na 3ª conjugações) e que *-ria* é o morfema de futuro do pretérito já são pouco (ou nada) elucidativas, pois tratam esses dois formativos como unidades indecomponíveis, o que torna a semelhança fonológica apenas coincidente, por não especificar que *-ia* é a parte responsável pela leitura de pretérito imperfeito nos dois tempos verbais. Em segundo lugar, de acordo com a presente análise, o nó T que carrega os traços de tempo pretérito e de aspecto imperfeito carrega o mesmo expoente \emptyset tanto para o futuro do pretérito quanto para o pretérito imperfeito (na 2ª e na 3ª conjugações). Além disso, a vogal temática anexada ao nó T também carrega o mesmo Item *-a* no futuro do pretérito e no pretérito imperfeito. O que os diferencia é a presença do nó F no futuro do pretérito (que carrega o expoente *-r*) e sua ausência no pretérito imperfeito. Tendo o nó T e sua respectiva posição temática os mesmos conjuntos de traços e as mesmas realizações fonológicas no pretérito imperfeito e no futuro do pretérito, a presente análise dá conta da semelhança semântica e fonológica desses dois tempos verbais. Talvez a saída mais interessante fosse considerar *-r* como o expoente de futuro e *-ia* como o expoente de pretérito imperfeito, diferentemente tanto das análises tradicionais como da análise defendida aqui. Ainda assim, acreditamos que a presente análise é mais elucidativa do que a análise tradicional.

⁸ A discussão sobre os nós de vogal temática, por ora, não nos será relevante e, por isso, os deixamos de lado.

⁹ Sobre a emergência do verbo *ir* como auxiliar, remetemos o leitor a Lunguinho (2011).

um infinitivo, em realidade se realiza com a marcação de futuro que, como vimos, é /r/ -- expoente fonológico coincidente com o de infinitivo. A mesma análise pode ser aplicada ao futuro do pretérito perifrástico. Como o núcleo T apresenta os traços [+Pret, -Perf], o verbo auxiliar é realizado no pretérito imperfeito e o verbo lexical, com a marcação de futuro. Assim, não é necessário supor duas estruturas e/ou dois conjuntos de traços diferentes entre a forma sintética e a forma analítica do futuro. A única diferença reside no movimento ou na ausência de movimento a T.

O basco é uma língua que forma o futuro do presente e o futuro do pretérito de forma igualmente transparente. Os exemplos abaixo mostram que essa língua tem a possibilidade de formar o futuro através de um auxiliar no presente (para o futuro de presente) ou no passado (para o futuro do pretérito) e um verbo lexical com a marca de futuro.

(6) Dados do basco

- a. Juan-ek esan du Pedro-k abes-tuko du-ela.
Juan-ERG disse ter.PRES Pedro-ERG cantar-FUT Aux.PRES-COMP
'Juan disse que o Pedro vai cantar'.
- b. Juan-ek esan zu-en Pedro-k abes-tuko zu-ela.
Juan-ERG disse ter-PRET Pedro-ERG cantar-FUT Aux.PRET-COMP
'Juan disse que o Pedro ia cantar'.

Oltra-Massuet & Arregi (2005)

Convém mencionar que, no caso do futuro do pretérito do PB, parece haver uma diferença de significado entre a forma sintética e a forma analítica. Observe-se os dados abaixo:

(7) Formas do futuro do pretérito no PB

- a. Eu **comeria** esta maçã (se estivesse madura, mas não vou comer).
b. Eu **ia comer** esta maçã (no café da manhã, mas não comi).
c. ?Eu **ia comer** esta maçã (se estivesse madura, mas não vou comer).
d. ??Eu **comeria** esta maçã (no café da manhã, mas não comi).

Se nossa intuição sobre os dados em (7) estiver correta, parece que o futuro do pretérito sintético dá preferência à leitura contrafactual e o futuro do pretérito analítico dá preferência à leitura de um tempo posterior a um tempo de referência que é anterior ao momento da enunciação (literalmente futuro do pretérito). Isso parece se seguir do fato de que o tempo verbal denominado *condicional* costuma ser ambíguo em relação a essas duas leituras. Vejamos um exemplo do inglês:

(8) Condicional no inglês

- a. John sai-d that Mary **would sing** (but she didn't)
John dizer-PRET que Mary Aux.COND cantar (mas ela NEG.PRET)
'John disse que Mary ia cantar, mas ela não cantou.'

- b. John sai-d that Mary **would** **sing** (but she won't).
John dizer-PRET que Mary Aux.COND cantar (mas ela NEG.FUT).
'John disse que Mary cantaria, mas ela não vai cantar.'

Quando há apenas uma estrutura para realizar as duas leituras, a estrutura é ambígua. Quando, no entanto, há duas estruturas disponíveis para realizar duas interpretações, a tendência é que cada uma delas se especialize para cada uma das leituras. Assim, é possível que o movimento do núcleo complexo a T desencadeie a leitura contrafactual, enquanto a ausência desse movimento desencadeie a outra leitura.¹⁰ A questão que se coloca sobre a análise desses dados é: por que o movimento prioriza a contrafactualidade? Por questões de escopo, de localidade? Deixaremos essa e outras questões que envolvem as diferentes interpretações do futuro do pretérito para pesquisas futuras.

4 A HIPERCORREÇÃO

O futuro analítico no PB, além da forma com o auxiliar no presente, também pode ser produzido com o auxiliar no futuro, o que tem sido analisado como uma hipercorreção (BAGNO, 2012, p. 579). Compare as sentenças em (9) a seguir.

(9) Auxiliar no presente e no futuro

- a. Eu vou amar.
- b. Eu irei amar.

Ambas as estruturas em (9) têm exatamente o mesmo significado. A única diferença entre as duas formas é uma diferença de uso: (9b) parece estar mais restrita ao registro escrito e/ou monitorado, ao lado da forma sintética de futuro, enquanto a forma em (9a) é a expressão de futuridade mais espontânea e, portanto, mais comum na oralidade. Não é o que ocorre com outras perífrases verbais no PB. Ao alternar o verbo auxiliar de uma perífrase entre presente e futuro, o tempo expresso pela perífrase muda. Observe os exemplos em (10) abaixo:

(10) Auxiliar no presente e no futuro (com mudança de significado)

- a. Eu estou comendo. Eu estarei comendo.
- b. Eu tenho viajado. Eu terei viajado.

¹⁰ Um parecerista anônimo questionou como as duas diferentes interpretações estariam disponíveis em LF através de uma operação morfológica – pois na MD as operações morfológicas ocorrem em PF. Entretanto, não diferentemente da literatura, estamos supondo que a operação de movimento de núcleo de \sqrt{a} v, (a F) e a T não é morfológica, e sim sintática. Assim, as duas estruturas – com e sem movimento de núcleo – estariam disponíveis para interpretação em LF.

Nas sentenças acima, a alternância entre o tempo presente e futuro do auxiliar modifica a interpretação temporal dos eventos, contrariamente ao que acontece nas sentenças em (9). Abaixo, oferecemos uma análise para explicar o motivo pelo qual as duas estruturas em (9) estão disponíveis para expressar o mesmo valor modo-temporal no PB.

Como, no PB, todos os outros tempos analíticos são formados com o verbo principal em uma das suas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio), acreditamos que o fenômeno da hipercorreção do futuro analítico é, em realidade, uma reanálise estrutural desse tempo verbal. Nas diferentes línguas, é possível expressar o futuro perifrástico ou com a informação de futuro sendo carregada pelo auxiliar (como no inglês) ou com a informação de futuro sendo carregada pelo verbo principal (como no basco). Assim, dada a coincidência da expressão fonológica do traço de futuro e do infinitivo, os falantes reinterpretaram a expressão *auxiliar[-Pret]+verbo[+Fut]*, em que a informação de futuro está sendo carregada pelo verbo principal, como *auxiliar[-Pret]+verbo[Inf]*, em que o verbo está no infinitivo e a informação de futuro não está nem no auxiliar e nem no verbo. Por este motivo, surgiu a possibilidade de realização do traço de futuro no próprio auxiliar, sem mudança de significado. No caso do futuro do pretérito, também é possível encontrar o mesmo tipo de hipercorreção: “eu iria fazer”, em lugar de “eu ia fazer”. Podemos atribuir essa hipercorreção à mesma reanálise do /r/ como infinitivo, e não como futuro.

Sintaticamente, as estruturas das sentenças em (9) podem ser analisadas da seguinte forma: em (9a), conforme já foi explicitado na seção anterior, os núcleos da estrutura sintática [TP T [FP F [vP v [√P √]]]] sofrem movimento cíclico da raiz apenas até o núcleo F, o que resulta em dois núcleos complexos: T+Agr e √+v+F. Em (9b), por outro lado, a raiz se move apenas até seu verbalizador, e o núcleo F se move até T, resultando nos dois núcleos complexos F+T+Agr e √+v. Como auxílio visual, apresentamos as duas estruturas na Figura 4 abaixo.

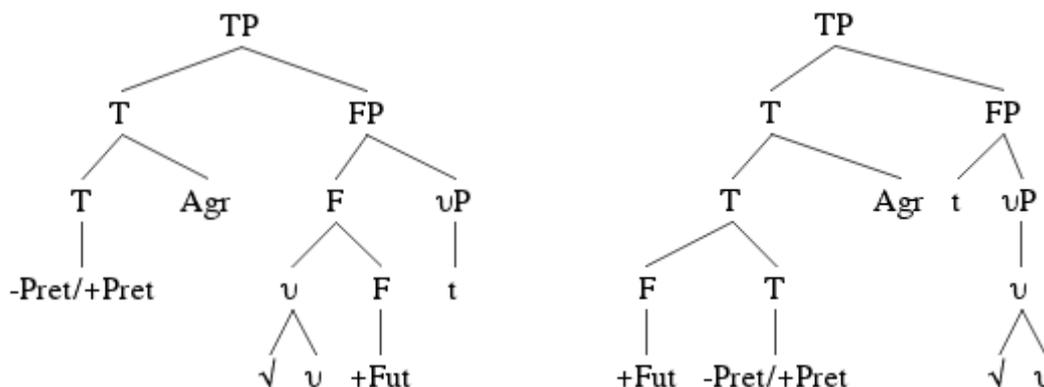


FIGURA 4: À esquerda, movimento de núcleo que gera o futuro perifrástico com auxiliar no presente e, à direita, movimento de núcleo que gera o futuro perifrástico com auxiliar no futuro.

Assim, continuamos tendo como única diferença o movimento dos núcleos na estrutura, e não a estrutura em si. Em razão disso, o significado expresso pelas duas sentenças é o mesmo.¹¹

5 A SEMELHANÇA ENTRE OS FUTUROS E O INFINITIVO

O PB apresenta três formas nominais dos verbos: o gerúndio, o particípio e o infinitivo. Rallides (1968), a respeito do espanhol, investiga o elemento temporal que essas formas nominais carregam. Segundo o autor, o gerúndio carrega a noção de simultaneidade, o particípio carrega a noção de anterioridade e o infinitivo, a noção de posterioridade, o que nos permite comparar com as noções de presente, passado e futuro, respectivamente. Almeida (1978, p. 208), sobre o infinitivo do PB, diz que “é claro que, num sentido amplo, [...] a presença do infinitivo numa perífrase verbal liga-a, por natureza, à ideia de futuro, dada a prospecção contida na referida forma nominal”. Oltra-Massuet (1999) confere às formas nominais do catalão os seguintes conjuntos de traços:

- (11) Gerúndio: [+Particípio, -Pretérito, -Finito]
Particípio: [+Particípio, +Pretérito, -Finito]
Infinitivo: [-Particípio, -Finito]

Como podemos ver acima, tanto o gerúndio quanto o particípio carregam traços temporais em sua descrição: o gerúndio, com valor de simultaneidade, apresenta o traço [-Pret] e o particípio, com o valor de anterioridade, recebe o traço [+Pret]. O infinitivo, por outro lado, não recebe nenhum traço temporal. Se levarmos às últimas consequências a relação entre o elemento temporal das formas nominais e sua descrição através de um conjunto de traços, é possível hipotetizar que o infinitivo carrega, além dos traços de valor negativo para particípio e finitude, um traço de futuro.¹²

¹¹ Não nos é claro, no presente momento, de que maneira o /r/ de infinitivo é inserido nessa estrutura reanalisada. Uma possibilidade é assumir que o componente morfológico é responsável pela boa formação morfológica das formas verbais e que, para satisfazer as exigências de boa formação, se encarregaria do acréscimo de um nó que albergue o Item de infinitivo.

¹² Um parecerista anônimo questionou como tratar o infinitivo na forma nominal e na forma de citação de verbo, que são formas que não carregam o valor de futuro. Quanto à forma de citação, o problema se estende a línguas que utilizam outras formas verbais nesse contexto, como o grego, por exemplo, que se vale da primeira pessoa do singular do presente do indicativo como forma de citação dos verbos. Nesse caso, embora a composição morfofonológica do verbo corresponda à forma que envolve o conjunto de traços de primeira pessoa do singular do presente do indicativo, essa forma verbal não tem o valor de primeira pessoa do singular do presente do indicativo em contextos de citação do verbo. Em vista disso, o problema foge do escopo do presente trabalho, pois reside no tratamento do valor morfológico das formas verbais – sejam elas quais forem – utilizadas como forma de citação, e não na assunção de que o infinitivo carrega o valor de futuro.

Quanto à forma nominal, a questão se mostra bastante pertinente. Cidade (2013) equivale o infinitivo nominal do PB ao gerundivo nominal do inglês. Harley & Noyer (1997) analisam o sufixo gerundivo do inglês *-ing* como um Item de vocabulário multifuncional, inserido tanto como afixo gerundivo quanto

Lembremos que, na seção 1, foi definido o Princípio do Subconjunto, que determina que um Item de Vocabulário pode ser subespecificado e que será inserido aquele que for mais específico. Lembremos, ainda, que o Item de Vocabulário que reescreve o traço de futuro é /r/ → [+Fut]. Assim, na ausência de itens que realizem os traços [-Particípio, -Finito] que compõem o infinitivo, resta o item que realiza o traço de futuro – novamente, sob a hipótese de que o infinitivo carrega em sua descrição o traço de futuro, devido ao seu valor de prospecção. Nesse sentido, muito embora sintaticamente futuro e infinitivo sejam distintos, o Item de Vocabulário que realiza esses dois valores é o mesmo item subespecificado. Se essa hipótese estiver no caminho certo, seria possível atribuir à perda das marcas de infinitivo e à perda dos futuros sintéticos um mesmo gatilho desencadeante. A próxima seção destina-se a discorrer sobre esse possível gatilho.

6 O DESAPARECIMENTO DE /R/

É um fato conhecido do PB que a marca de infinitivo está sendo perdida. Pronunciamos, nos mais diversos dialetos, *cantá* em vez de *cantar*, *comê* em vez de *comer* e *parti* em vez de *partir*. Apesar de motivado fonologicamente, por cair apenas em final de palavra, em coda silábica, esse não é um fenômeno puramente fonológico, pois precisa fazer referência à constituição morfossintática da palavra. Salvo alguns dialetos estigmatizados sobre os quais não falaremos no presente trabalho, um substantivo que se adeque à mesma descrição fonológica não poderá ter o segmento /r/ final apagado, o que é averiguado por meio da inaceitabilidade de **pomá*, **colhé*, **fedô*. A mesma perda do /r/ final se verifica nas formas de futuro do subjuntivo, em que o /r/, em posição final, desaparece, como em *fizé*, *puδέ*, *houvé*.

Além da perda morfofonológica do /r/ de infinitivo e de futuro do subjuntivo, vemos também que as formas sintéticas que contêm o segmento /r/ estão se perdendo. Atualmente, na linguagem oral não monitorada, é rara a realização de *cantará*, *darei*, *partiremos...* O que se vê é a realização das respectivas formas analíticas *vai canta(r)*, *vou da(r)*, *vamos parti(r)*. O mesmo se vê com o futuro do pretérito (*ia canta(r)*, *ia da(r)*, *íamos parti(r)*); nesse caso, entretanto, o desaparecimento está ainda em processo, já que há diferença de sentido entre uma forma e outra, conforme mencionamos na seção 4. Não nos aprofundaremos nessa questão no presente momento, deixando a discussão em aberto para investigação futura.

Se for verdade que o item que realiza o futuro e o infinitivo é o mesmo, podemos atribuir as duas perdas mencionadas acima à perda do próprio Item de

como um afixo nominalizador *default*. A partir da equivalência proposta por Cidade (2013) entre o gerúndio do inglês e o infinitivo do PB, podemos admitir, conforme sugerido por Resende (2016), que o afixo *-r* do PB é um Item multifuncional inserido tanto como afixo infinitivo/futuro quanto como um afixo nominalizador *default*.

Vocabulário que realiza esses dois contextos. Com isso, não queremos dizer que o processo que apaga o /r/ final no infinitivo e no futuro do subjuntivo é o mesmo processo que dá prioridade à realização analítica do futuro do presente e do futuro do pretérito. Queremos apenas dizer que esses dois processos diferentes são, por hipótese, desencadeados por um mesmo fator: a perda do Item de Vocabulário que realiza o traço de futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, vimos que assumir um núcleo distinto para carregar o traço de futuro relaciona diversos fenômenos diferentes do PB. O primeiro deles é o fato de o futuro do presente, o futuro do pretérito, o futuro do subjuntivo e o infinitivo apresentarem o segmento /r/. Em nossa análise, /r/ é o expoente fonológico inserido em contextos que envolvem o traço de futuro – traço que, por hipótese, também está presente na descrição do infinitivo (ver seção 5). Sob essa análise, a mesma estrutura sintática [TP T_[+/-Pret] [FP F_[Fut] [vP v [√P √]]]] é capaz de gerar as três diferentes formas de expressão do futuro do presente e do futuro do pretérito, através de três diferentes movimentos de núcleo sintático (lembrando que o componente morfológico é responsável por inserir o nó de concordância Agr em T):

- (12) a. **Futuro sintético**
Do presente: Eu comerei: $\sqrt{+v+F+T+Agr}$
Do pretérito: Eu comeria: $\sqrt{+v+F+T+Agr}$
- b. **Futuro analítico**
Do presente: Eu vou comer: T+Agr $\sqrt{+v+F}$
Do pretérito: Eu ia comer: T+Agr $\sqrt{+v+F}$
- c. **Hipercorreção do futuro analítico**
Do presente: Eu irei comer: F+T+Agr $\sqrt{+v}$
Do pretérito: Eu iria comer: F+T+Agr $\sqrt{+v}$

Além disso, essa análise, ao lado da perda do Item de Vocabulário que realiza o traço de futuro descrita na seção 6, permite unificar o apagamento do /r/ de infinitivo em contextos verbais, do /r/ de futuro do subjuntivo e o desaparecimento das formas sintéticas de futuro do presente e futuro do pretérito. Algumas questões permanecem em aberto e carecem de investigação mais detalhada. Por exemplo, a especialização da forma analítica e da forma sintética para um dos dois diferentes sentidos disponíveis para o futuro do pretérito necessita uma explicação e formalização mais precisa. Além disso, é preciso entender como se analisam as formas de infinitivo flexionado, como *amarem*, dentro de uma gramática que perdeu – ou está em vias de perder – o

Item de Vocabulário de infinitivo/futuro. De todo modo, a dissociação do traço de futuro dos outros traços modo-temporais é capaz de descrever não só as formas em que o item /r/ está presente, como também o desaparecimento das formas que envolvem /r/ e a existência de formas alternativas para sua realização, o que torna promitente a perseguição dessa análise e resolução dos problemas presentemente levantados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. *Introdução ao estudo das perífrases verbais do infinitivo*. Assis, São Paulo: ILHPA-HUCITEC, 1978.
- ARREGI, K. How the Spanish Verb Works. Artigo apresentado no *30th Linguistic Symposium on Romance Languages*, Florida University, Gainesville, 2000.
- BAGNO, M. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BASSANI, Indaiá & LUNGUINHO, Marcus Vinicius. Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo. *ReVEL*, edição especial 5, 199-227, 2011.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1970.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Problemas de Linguística Descritiva*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1971.
- CIDADE, Paulo Roberto da Silva. *A Nominalização Infinitiva: Um estudo de Nominalizações Gerundivas e Derivados Nominais no português e no inglês*. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2013.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: *The View from Building 20*. Cambridge, HALE, K. & KEYSER, S. J. (eds.) Massachusetts: MIT Press, 111-176, 1993.
- HALLE, M., & MARANTZ, A. Some Key Features of Distributed Morphology. In: A. Carnie, H. Harley, and T. Bures (eds.). *Papers on Phonology and Morphology*, MIT Working Papers in Linguistics 21, MITWPL, Cambridge, MA, 275-288, 1994.
- HARLEY, Heidi & NOYER, Rolf. Mixed nominalizations, short verb movement, and object shift in English. *Proceedings of NELS 28*, edited by P.N. Tamanji & K. Kusumoto, 143-157. Amherst: GLSA, University of Massachusetts, Amherst, 1998.
- LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva. *Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de São Paulo: São Paulo, 2011.
- OLTRA-MASSUET, Isabel. *On the notion of theme vowel: a new approach to Catalan verbal morphology*. 89f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Massachusetts Institute of Technology, MIT, Cambridge, 1999.

-
- OLTRA-MASSUET, Isabel & ARREGI, Karlos. Stress-by-Structure in Spanish. *Linguistic Inquiry*, v. 36, n. 1, p. 43-84, 2005.
- PESETSKY, David & TORREGO, Esther. The syntax of valuation and the interpretability of features. In: KARIMI, Simin; SAMIIAN, Vida & WILKINS, Wendy (eds.) *Phrasal and Clausal Architecture: Syntactic Derivation and Interpretation*. Amsterdam: John Benjamins, p. 262-294, 2007.
- RALLIDES, C. The Temporal Element of the Non-Finite Verb Forms in Spanish. *Hispania* 51, no. 1, 132-36, 1968.
- RESENDE, Maurício. Por uma releitura das nominalizações em infinitivo do português. *Caderno de Squibs*, v. 2, n. 2, 2016.
- SANTANA, Beatriz Pires. Os futuros do indicativo: por uma análise sintática para a flexão verbal do português brasileiro. *Caderno de Squibs*, v. 2, n. 1, p. 43-55, 2016.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 30 de setembro de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 19 de novembro de 2016.